

PE-097 - TRANSPLANTES HEPÁTICOS PEDIÁTRICOS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE DOADORES VIVOS E FALECIDOS NO RIO GRANDE DO SUL E NO BRASIL NO PERÍODO DE 2016 A 2019

Luzia Bulla Paviani¹, Paula Daronco Berlezi¹, Giseli Costella¹, Loiva Beatriz Fernandes Letner dos Santos Filha¹, Giovanna dos Santos Bruni¹, Glaziele Rodrigues Garcia¹, Gabriela Pieniz Deboni¹, Marcelo Generali da Costa¹

1 - Universidade Luterana do Brasil, ULBRA.

Introdução: O transplante hepático pediátrico está inserido no contexto de doenças crônicas da infância. Para algumas dessas doenças, o transplante aparece como uma expectativa de sobrevida e melhora de qualidade de vida. Em razão das dificuldades para encontrar um doador falecido, o transplante hepático com doador vivo representa uma importante alternativa para diminuir o tempo em lista. **Objetivo:** Avaliar comparativamente o número de transplantes hepáticos pediátricos com doadores vivos e o número com doadores falecidos no período de 2016 a 2019 no Rio Grande do Sul (RS) e no Brasil. **Metodologia:** Estudo comparativo extraído do banco de dados do Registro Brasileiro de Transplantes (RBT), no qual foram analisados o número total de transplantes hepáticos pediátricos nos anos de 2016 a 2019 no RS e no Brasil, bem como sua origem oriunda de doadores vivos ou de doadores falecidos. **Resultados:** No período de 2016 a 2019, o RS manteve uma média de 8,5 transplantes hepáticos pediátricos de doador vivo por ano, com média pmp 2,975. No mesmo período, no Brasil, a média foi de 133,5 transplantes por doador vivo, com média pmp 2,225. Em contrapartida, os transplantes por doadores falecidos, no RS, tiveram uma média de 10,75 transplantes por ano e uma média pmp 3,65. Já no Brasil, os transplantes realizados por meio de doador falecido obtiveram uma média de 78,25 transplantes por ano e uma média pmp 1,275. **Conclusão:** O número de transplantes hepáticos pediátricos aumentou progressivamente no período analisado no RS e no Brasil. O RS mantém a maioria dos transplantes hepáticos pediátricos oriundos de doadores falecidos. Por outro lado, o Brasil apresenta maioria dos transplantes provenientes de doadores vivos. Diante disso, nota-se que o transplante hepático com doador vivo contribui valiosamente no tratamento de crianças portadoras de doenças hepáticas terminais.

PE-098 - SÍNDROMES FEBRIS HEMORRÁGICAS NO BRASIL: ANÁLISE DESCRITIVA DOS CASOS PEDIÁTRICOS NOTIFICADOS DE 2017 A 2020

Mariana Montouto Setten¹, Bárbara Migliorini Nunes¹, Gabriel Santana Pereira de Oliveira¹, Carolina Curcio Sessegolo¹, André Henrique Sousa Leão¹, Angélica da Silva Machado¹, Marcelo Soares Ruviano¹

1 - Universidade Federal de Pelotas, UFPEL.

Introdução: As arboviroses são doenças transmitidas por mosquitos, como o *Aedes aegypti*. Os arbovírus são sazonais, de ampla distribuição geográfica e predominantemente em regiões tropicais. Na pediatria, há maior necessidade de atenção, pois suas consequências podem exigir atendimento em unidade de terapia intensiva. **Objetivo:** Avaliar a prevalência de notificações de casos de dengue, chikungunya e zika no Brasil, em crianças de 0 a 9 anos de idade, de 2017 a 2020 e sua relação com a estação do ano e região. **Metodologia:** Estudo transversal descritivo e retrospectivo baseado na observação das notificações de casos de dengue, chikungunya e zika no Brasil utilizando a plataforma DATASUS-TABNET. Foram analisadas as variáveis ano, faixa etária e região brasileira, no período de 2017 a 2020. **Resultados:** A notificação de casos da dengue, chikungunya e zika em crianças brasileiras abaixo de 9 anos, aumentaram 390,21%, 45,20% e 68,13%, respectivamente, de 2018 a 2019. Em 2018, a região Nordeste teve o maior número de notificações da dengue com 41,92%, e em 2019, a região Sudeste apresentou o maior número, sendo 55,71% do total. A chikungunya, teve a região Nordeste com a maioria das notificações em 2017 e 2020, 69,32% e 77,04% dos casos totais. A região Nordeste foi predominante em notificações de zika vírus em todo o período. **Conclusão:** No ano de 2019, ocorreu um aumento significativo no número de casos das arboviroses transmitidas pelo *Aedes aegypti* no Brasil. As possíveis explicações englobam o aumento de chuvas, da temperatura e o novo sorotipo do vírus da dengue. Já em 2020, a redução das notificações está conectada à pandemia de COVID-19 devido a possíveis subnotificações, atraso nas notificações e receio em buscar atendimento.